Rio-de-Janeiro, le 12 Mai de 1931.

A Son Excellence

Dr. Thadeu St. Gabrowski

Ministre de Pologne

Rio.

POSELSTWO POLSKIE W BRAZYLII	
Otrzymano dnia:	18.5 31.
<i>St. 14/2/31</i>	
Zatwierdził:	
Zatwierdził:	

Excellence,

En vous remerciant cordialement pour l'aimable invitation, dont vous m'avez honoré et en vous assurant que votre fête a été brillante et des plus réussies, je vous demande permission pour offrir ci-joint une copie du poème " Finis Poloniae " de mon oncle paternel Pedro Luis Pereira de Sousa, qui fut, du temps de l'Empire, député général, président de la Province de Bahia et Ministre des Affaires Etrangères, ainsi que quelques notes sur la colonisation Polonaise au sud du Brésil, suivant mes observations au cours de longues années.

Ceci vous témoignera que la sympathie, traditionnelle dans ma famille pour la vaillante Pologne, me dispose à donner tout mon modeste appui au développement des relations très utiles entre nos deux pays.

Veuillez recevoir, Monsieur le Ministre, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

Pedro Luis Pereira de Sousa

272

POBELSTWO POLSKIE W BRAZYLII
Otrzymano dnia: 18.8. 21.
147431
Zatwierdza:
Data:

"FINIS POLONIAE"

OS VOLUNTARIOS DA MORTE

Canto epico

de

Pedro Luiz Pereira de Souza.

I

O mundo inteiro ouviu aquelle grito...
E o mundo inteiro levantou-se em ancias...
D'onde vêm o clamor? Quem soffre tanto?
Quem é que morre?... E arquejante, livido,
A estremecer na febre, convulsivo,
Mede co'a vista os horisontes largos.

Era pallido o céu; os oceanos,
Beijando as terras, murmuravam tristes
Pelo dorso das grandes serranias
Passava a brisa em sonho a espreguiçar-se...
Tudo tão calmo... Mas o grito? O grito
Se erguera immenso, um som rouco, sinistro,
Arrancado, talvez entre torturas,
Das cavernas de um peito de gigante
Torvo, tremendo no espumar de colera.

E o mundo inteiro ouviu aquelle grito.
Um só, mas poema de desgraças...
Era um adeus profundo, entre soluços,
Era um protesto ao céu arremessado.
Blasphemia horrivel que se cospe á vida,
Ameaça tremenda... um som de guerra,

272

Um clangor estridente, como aquelle
Que ha de ouvir-se no ultimo juizo
Da tumba enorme a convocar espectros.
Ao mesmo tempo, alli na voz do martyr.
Havia não sei que de sereno, placido,
Lembrando a triste saudação que á Cesar,
Tranquillo, dirigia o combatente,
Ao penetrar na arena, onde da Hyrcania
O tigre hirsuto escancarava as fauces,
Era um suspiro de colosso oppresso!
Um grito só! Resfolegar supremo
De sanhudo titan se debatendo
Sob a montanha, a entestar co'as nuvens,
Abalada. Ao fuzil do raio olympico,
Com terrivel troar tombou no valle!
Esse brado feroz era uma historia,
Em que se ouvia o riso da loucura,
Ao passo que chiava o ferro em brasa...
Um grito só, porém, um testamento!
Testamento de heróe que, estrebuchando,
Vendo as estrellas, diz adeua á patria;
Homenagem á todos que soluçam,
Hymno entoado á santa liberdade
E appello a escarnecer lançado á historia!...
O que havia, porém, de mais distincto
Naquella nota de agonia excelsa,
Era um reclamo ao céu!... Aquelle grito
De uma alma sobrehumana, angustiada,
Fôra aos astros, rasgára os firmamentos,
E, a retinir perdido nos espaços,
Fôra dentro dos céos bradar por Deus.

II

E o mundo quiz saber quem sobre a terra
Erguia aquella voz... que caso extranho
Vinha cheio de lugubres terrores
Turbar-lhe o riso... que soberba victima
Na inspiração de uma agonia heroica,
A' Deus pedia o gladio flammejante
Do terrivel archanjo das batalhas,
Para atirar, talvez, o golpe extremo
E no sangue do algoz morrer cantando!
E viu então, além, por entre as brumas
Do Norte - a figurar grandes sudarios -
Um povo inteiro, pallido e sombrio,
Trajando as vestes funeraes da campa.
Era sinistro aquillo! Ia passar-se
Um cataclysmo alli, desses que abalam
Da terra o globo, que tranquillo volve
Nos páramos azues da immensidade...
Esse oceano gigantesco e negro
Ondulava espumoso e rebramia,
Incendiado talvez por mil cratéras,
Que, do leito de pedra arrebetando,
Dentre em seu seio vomitavam chammás,
Fôra o grito o annuncio da procella,
Que ia rasgar-lhe as tépidas entranhas!
Fôra o grito - rebate clamoroso -
Ao festim da metralha convidando
Da grande morte os grandes voluntarios
Da liberdade os Briarens tremendos!

III

Sois vós? Sois vós! Que raça de demonios.

274

Oh! calae-vos, malditos! Um suspiro,
Um gemido nos transes da agonia...
Uma palavra murmurada á sombra...
Uma syllaba á noite sussurrante...
Pode accordar o barbaro carrasco,
Que, repleto de sangue, além resomna
Junto á lanca. A victima é uma e statua!
Nãõ sabeis que o tinir das gargalheiras,
Quando as sacodem pulsos destemidos,
E' uma musica horrivel que atordõa,
Que embriaga as cabeças sanguinarias,
Que desafia a lamina aguçada
Do punhal dos infames! Oh! calae-vos!
Nãõ atireis assim aos quatro ventos
A imprecacão feroz. Ha sobre a terra
Faces cavadas pela dor suprema,
Nas quaes nãõ pode resvalar tranquilla
De saudade uma lagrima em silencio...
Ha frontes altas pelo sol banhadas,
Resplendentes da aureola divina,
Mas cercadas de espinhos, gottejantes
De sangue e de suor: é crime erguel-as!
Onde vistes romper a catacumba,
O braço descarnado do cadaver?!
Mortos nãõ fallam! Vós morrestes todos,
Vós morrestes, em pleno dia,
Em face do porvir!!... Silencio, agora!

IV

Nada os abala. São tranquilllos todos
E olham para o céu. Pesadas nuvens

245

Rolam negras. Fatidico relampago
Fendendo a noite no seu véo cerrado
Brilha, corre, volteia em gyro doudo...
Dir-se-hia que o dedo do destino
Grava, na escuridão, sobre essas fontes
Palavras cabalisticas de morte...
Tremendas e agoureiras prophecias...
Não importa! Ouviria Deus o grito?
Ouviria?... Não sei... Mas nas planuras
Nesses steppes tristes e medonhos,
Que se embrenham nas trevas, infinitos,
Branços de gelo e negros de carrascos,
Furacão de abafado desespero,
O grito retumbou... longe... bem longe.

V

Que choque foi aquelle? O céu toldado
De nuvens de fumaça! O rouco surdo
Dos canhões a cantar na grande orchestra
Da sinistra hecatombe! Uma floresta
De fouces a cegar montões de gente
Com zunido feroz, e derramando
Chuvas de sangue sobre o chão revoltol
Fendendo os ares lanças fumegantes,
Brandidas por demonios! Cantos doudos
Estridentes, homericas risadas,
Como as de um ente humano que estrangulam!
Massas enormes a ullular de raiva!
Um soturno tropell... Ginetes ferós
A's lufadas do norte, relinchando,
A correr sobre um chão crivado todo

De valentes heroes mordendo a poeira!
Mulheres semi-núas arrastadas
Se estorcendo ao vibrar do ferreo agoite!
Craneos voando! Creancinhas louras
Rasgadas pelo pulso dos carrascos!
Um tombar de palacios e choupanas!
Um tremendo arrasar de mil cidades!
Correrias de archotes crepitantes,
Labaredas immensas se alastrando!
Linguas de fogo, que, lambendo a terra,
Vão, no alto do céu, tingir as nuvens
De sinistros clarões... Que scena aquella!...

VI

Quando lá no Oriente magestoso,
O sol brilhante se elevou sorrindo,
Com seus raios dourados espancando
As sombras dessa noite... e quando as flôres
As brisas da manhã se balouçaram...
O mundo palpitou... e viu no campo
Da batalha que, longe, retumbára,
Uma nuvem de fetidos cossacos,
Á cavallo, em selvagem vozeria,
Rompendo as ondas e nadando avantes
N'um mar de sangue, que cobria a terra...
O que fez elle então? Oh! miseravel!
Não me animo a dizel-o... Oh! tenho medo.
Dessa figura colossal e fria,
Que se destaca pensativa ao longe
Nas nevoas do porvir... Oh! tenho medo
Da sentença da historia! Deste latego,

947

Que agoite as gerações apodrecidas
No lodo vil dos sentimentos ímpios
Ha labios sacrosantos que commungam
Cobardes e assassinos...

Oh! cobarde,
Cobarde é o meu silencio. O mundo inteiro
Em face desse sangue, ardente ainda,
De pasmo estremeceu, sorriu-se alegre,
E disse radiante: "Bravo! Bravo!"
"Eis a Polonia ainda no patibulo"
E a terra toda retumbou de bravos.

VII

Pois bem! Pois bem! Enquanto envilecidas
As Nações, como Nero - aquelle infame,
Que, do alto da torre, a lyra em punho,
Cantava alegre - ao ver a sua Roma
Refervendo na immensa labareda;
Enquanto essas nações applaudem rindo
O sombrio assassino desse povo,
Que renasce do sangue e das ruinas,
E sempre a sacudir nos ares negros
O seu negro estandarte, qual mortalha
Destinada ao cadaver grandioso
Do Deus da Liberdade; enquanto todos
Miram tranquilllos a moderna Sparta,
Onde as Mães os filhinhos adormecem,
Entoando as canções dos seus maiores,
Canções de guerra que respiram polvora,
Enquanto a raça dos heróes sanhudos,
A tribu dos leões de juba ardente,

Faz descorar os mythos do passado,
As façanhas incríveis, portentosas
Dos guerreiros de Ossian e de Homero;
Ao tempo em que mimosos diplomatas
Em cochins de velludo reclinados
De um protocollo infame estudam syllabas
E pezam virgulas em balanças d'ouro...
Enquanto tudo ri... o bardo chora!...
Oh! Polonia! Polonia! Quando a terra
Se revolver perdida e o captiveiro,
Na ironia, calcar seu ferreo guante
Sobre a cerviz dos povos idiotas;
Quando tudo fôr vicio, infamia, lama;
Quando os labios humanos, polluidos
E sem brio, dos despotas beijarem
As botas insolentes! Oh! Polonia!
O bardo então irá, pio romeiro,
Prantear em teu vasto cemiterio.
E lá beijando a poeira sacrosanta,
Onde descansas a viril cabeça,
Aos ventos dos Uraes que magem fêras,
Dirá, co'a voz sumida, entre soluços:

"Das crengas puras o sepulchro é este!
"Dormem aqui seu somno derradeiro
"Da grande morte os grandes voluntarios
"Da liberdade os Briareús tremendos!...

279